



## **PALAVRA – EXEGESE E COMENTÁRIO DENTRO DO ANO LITURGICO B –**

*Pe. José Antônio Bertolin OSJ*

### **PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO**

---

#### **01) Leitura - Atos 10,34a-43 Os apóstolos, testemunhas do Redivivo.**

Este capítulo explicita o contato das comunidades primitivas com os pagãos, o que era proibido para os judeus, pois corriam o risco de contrair a impureza. Pedro rompeu com esse preconceito e se hospedou na casa de Simão, o Curtidor de peles, que também era considerado impuro devido à sua profissão. Assim, Pedro levou a comunidade cristã para fora do círculo judaico, e da casa de Simão, o Curtidor, foi à casa de Cornélio, militar romano que vivia na Cesaréia.

Na casa de Cornélio, Pedro proferiu um discurso enfatizando que Deus não faz distinção de pessoas. O povo de Deus não está ligado a uma raça, mas o critério para ser do povo de Deus é praticar a justiça e tal práxis deve espelhar-se na ação de Jesus de Nazaré, que “andou por toda a parte fazendo o bem...” [v 8].

Portanto, a comunidade cristã tem a missão de testemunhar, praticar e anunciar a práxis de Jesus. Ela é o critério para saber se uma ação vem de Deus, pois é a realização do projeto divino.

#### **02) Leitura - Colossenses 3,1-4 Busquem as coisas do alto.**

Paulo escreveu para a comunidade de Colossos provavelmente quando estava preso em Éfeso [anos 55-57] ou em Roma [anos 61-63], para corrigir a teoria que admitia uma série de seres celestes, intermediários entre Deus e os homens. Isso comprometia a supremacia de Cristo.

O texto, de caráter exortativo, pede aos cristãos que sejam coerentes com o nome que trazem [3,1-4], pois compartilham, pelo Batismo, a sorte de Cristo morto e ressuscitado [2,12]. Cristo ressuscitado está à direita do Pai e é o Senhor universal. Por isso, o cristão deve procurar as coisas do alto, isto é, precisa discernir o que é conforme ao projeto de Deus e o que não é.

Paulo adverte os cristãos para o perigo de uma vida ambígua que não manifesta o Cristo ressuscitado.

#### **03) Evangelho João 20,1-9 Anúncio da Ressurreição.**

Este texto é uma catequese sobre a ressurreição de Jesus e visa responder sobre a disposição com que o cristão deve encarar o túmulo vazio de Jesus. João o dividiu em três cenas:

1. *Maria Madalena junto ao túmulo e com os discípulos.* A cena começa com a afirmação “No primeiro dia da semana”. Maria Madalena é uma figura simbólica que representa a comunidade incapaz de assimilar a morte de Jesus, pois todos pensam que o túmulo é o lugar do fracasso do projeto de Deus. De fato, João usa o verbo no plural: “Não sabemos”, indicando a comunidade. O gesto de Maria Madalena que vai ao túmulo representa a busca da comunidade que anseia pela vida. Essa busca indica que a morte havia interrompido a vida.

2. *Os dois discípulos junto ao túmulo.* Também os dois discípulos representam a comunidade que não assimilou a morte de Jesus. João dá a entender que a comunidade havia se dispersado, por isso Maria Madalena encontra os dois sozinhos. Para João, a

comunidade não existe sem a fé em Jesus ressuscitado. Os dois discípulos fazem uma maratona em direção ao túmulo. João, o discípulo que Jesus amava, chegou primeiro. Quem ama corre mais. Ao chegar ao túmulo, o discípulo amado percebeu que havia sinais de vida, mas ainda não tinha compreensão plena do que havia acontecido. Ele viu os panos de linho estendidos. Pedro entrou no túmulo antes de João e verificou que o túmulo não foi violado, pois tudo estava dobrado num lugar à parte. Os ladrões não fariam isso. Jesus estava livre das malhas da morte, já sem os panos que o envolviam.

3. *Explicação da incredulidade.* Pedro, que é figura representativa da comunidade, ainda não havia feito o salto qualitativo para passar da dúvida para a fé.

## REFLEXÃO

No quadro dos acontecimentos da Páscoa, o primeiro elemento que se destaca é o sepulcro vazio. A nossa fé parte do sepulcro vazio. Ele é como um sinal essencial. A ressurreição de Jesus é a confirmação de tudo o que ele fez e ensinou. É a novidade absoluta que Deus operou na história, pois com a sua morte Jesus nos libertou do pecado e com a sua ressurreição nos deu acesso à vida nova [Rm 6,4], fazendo-nos filhos de Deus.

A verdade da Ressurreição que contemplamos hoje é explicitada no sermão de Pedro, o qual insiste sobre a experiência do Ressuscitado, da qual foi testemunha. É o testemunho que os apóstolos transmitem, pois viram Jesus pregado na cruz [João], admiraram as maravilhas do sepulcro vazio [João e Pedro], comeram com o Ressuscitado e um deles inclusive colocou o dedo em suas chagas. Portanto, a morte foi vencida e com isso também nós a vencemos, e assim somos concidadãos dos santos e familiares de Deus [Ef 2,18-19].

Jesus ressuscitou, abrindo-nos o caminho para a vida eterna ao acolher plenamente a vontade do Pai, sendo-lhe obediente, compartilhando a nossa humanidade e deixando-se imolar como vítima.

Portanto, nele temos acesso ao Pai, entramos a fazer parte da nova Aliança.

A Páscoa, longe de ser uma pura lembrança, uma memória histórica, é uma experiência existencial de novidade, pois com ela vencemos a morte. Por isso, toda a realidade da vida cristã encontra a sua origem nesta proclamação, que ecoou em Jerusalém na manhã da Páscoa no ano 30 dC, e continua ressoando no mundo até hoje.

Neste dia a Igreja revive o seu mistério, pois ele se fundamenta nesta experiência de Jesus que rompeu os laços da morte e vive glorioso para sempre em nosso meio. Hoje, como há dois mil anos, estamos aqui para sentir Jesus ressuscitado vivo, como os apóstolos o sentiram, embora muitos não acreditem. Naquele tempo, apenas um grupinho acreditou, e muitos tentaram negar a ressurreição, inventaram que o seu corpo havia sido roubado, que os apóstolos estavam alucinados... Da mesma forma hoje, para muitos, a ressurreição é um mito da Igreja antiga, uma invenção.

A ressurreição de Cristo é a realização máxima do grande projeto de Deus para os homens. É a plenitude da libertação, lembrada em conexão com o Êxodo dos hebreus do Egito no ano 1250 aC, sob Ramsés II. O fundamento dessa libertação é o poder de Deus manifestado na ressurreição de Jesus.

Se Cristo ressuscitou, também nós ressuscitaremos, embora o homem de hoje, em sua apatia existencial, pouco considere isso, pois no campo filosófico, existencial ou prático existem posições diametralmente opostas à esperança. Ele se resigna ao nihilismo obscuro, à angústia da paixão inútil e à náusea que o direciona para o nada segundo o existencialismo ateu, como Sartre ensinou. Outros optam pelo materialismo dialético da

história, como Marx ensinou. Outros, ainda, advertem para o advento do super-homem que proclama a morte de Deus e usurpa o seu lugar, como Nietzsche pensou. Por fim, alguns se refugiam no agnosticismo técnico e científico da modernidade.

A ressurreição de Jesus não é uma simples garantia para o futuro, mas também libertação do homem no presente. Por isso, deve apressar no homem o compromisso sério com os irmãos e o mundo. Assim, a ressurreição de Jesus foi a assinatura do Pai para a autenticidade de sua vida, obra e ensinamento. Por isso, em Cristo ressuscitado está ancorada a libertação do homem. Assim, o cristão com fé deve colocar Cristo na entranha de todas as coisas. Deve proclamar a realeza de Cristo com palavras e obras.